

## **AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NAS PERSPECTIVAS CLÍNICA, SOCIAL E EVOLUCIONISTA.**

Justificativa: As relações sociais se constituem como fonte fundamental para a formação de vínculos saudáveis, para a realização pessoal, profissional, assim como para a satisfação conjugal. A capacidade para interagir socialmente possui raízes evolucionistas, onde viver em grupo representava uma condição essencial para a sobrevivência. A cooperação, por exemplo, evoluiu a partir da necessidade de obtenção de recursos dentro do grupo. A empatia, compreendida como a capacidade para tomar a perspectiva dos outros e de compartilhar sentimentos, também se relaciona à cooperação, levando a consequências pessoais e sociais positivas, favorecendo a saúde e o bem estar das pessoas. Deficiências na capacidade de experimentar empatia e de cooperar podem dificultar a comunicação social e constituem a base de muitos transtornos mentais. A partir de uma perspectiva evolucionista, a necessidade de ser amado, valorizado e aprovado tinha o objetivo de favorecer o investimento parental, desenvolver vínculos seguros, atrair parceiros desejáveis e ser bem sucedido socialmente. Neste sentido, o temor à avaliação negativa pelos pares é natural entre os humanos. Por outro lado, o medo de ser avaliado negativamente pode assumir proporções tão elevadas que geram ansiedade intensa e prejuízo funcional, representando uma expressão desadaptada da preocupação social evolutivamente adaptativa. Em síntese, as perspectivas evolucionista, social e clínica podem contribuir para explicar os aspectos funcionais e disfuncionais do comportamento social. O objetivo desta proposta de mesa redonda é o de apresentar os aspectos funcionais e disfuncionais das relações sociais a partir das perspectivas clínica, social e evolucionista. Os temas a serem discutidos constituem o objeto de estudo nas pesquisas das palestrantes envolvidas. A Dra. Angela Donato Oliva possui vários trabalhos publicados e orienta pesquisas de mestrado e doutorado sobre desenvolvimento a partir do enfoque da psicologia evolucionista. Sua apresentação discute o comportamento pró-social dentro dessa perspectiva. A Dra. Eliane Mary de Oliveira Falcone também tem orientado e realizado muitos estudos sobre empatia, relacionando o tema a satisfação conjugal, transtornos mentais, propensão ao perdão, entre outros, os quais se encontram publicados em vários capítulos de livros e periódicos científicos. Sua apresentação representa algumas conclusões extraídas desses estudos. A Dra. Carmem Beatriz Neufeld coordena um Laboratório de Intervenção Cognitivo-Comportamental, onde várias pesquisas de avaliação e intervenção clínica são realizadas, conforme indicam suas publicações. Sua apresentação representa um segmento desses estudos e possui uma grande relevância no contexto acadêmico. Em seu conjunto, os trabalhos a serem discutidos nessa mesa redonda contribuem para novas reflexões de caráter interdisciplinar no âmbito das relações sociais.

**SOCIAL - Psicologia Social**

**AS RELAÇÕES ENTRE DEFICIÊNCIAS EM EMPATIA E TRANSTORNOS MENTAIS.** *Eliane Mary de Oliveira Falcone; Stèphanie Krieger\*; Monique Gomes Plácido\*; Lucimar da Costa Torres Electo\*; Evlyn Rodrigues Oliveira\*, Juliana Furtado D'Augustin\*\*; Vanessa Dordron de Pinho\*\* (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); Maria Cristina Ferreira (Universidade Salgado de Oliveira, Rio de Janeiro, RJ)*

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir, a partir de uma revisão de estudos, como as deficiências em empatia interferem no funcionamento social de indivíduos com transtornos mentais. A empatia tem sido considerada como uma habilidade cada vez mais requerida para prover vínculos afetivos seguros, satisfação pessoal e interpessoal, assim como resolução de conflitos. Deficiências nesta habilidade estão relacionadas a conflitos, violência, divórcio, isolamento social e transtornos mentais. Assim, a empatia tem sido um tema amplamente pesquisado em diferentes áreas de estudo. A experiência da empatia envolve componentes cognitivos, afetivos e comportamentais que se articulam para prover a sua manifestação. O componente cognitivo, referido como tomada de perspectiva, envolve inferir acuradamente pensamentos e sentimentos de alguém em determinada situação; o componente afetivo reflete o compartilhamento de sentimentos e o comportamental é identificado pela expressão verbal ou não verbal de entendimento da experiência interna do outro. Dependendo do contexto, a empatia pode ser ativada de forma automática, a partir do reconhecimento dos sentimentos e pensamentos de outra pessoa em experiência de dor física ou emocional. Outra forma mais complexa de ativação da empatia ocorre de forma consciente e intencional. Tal manifestação envolve maior esforço mental e se refere a uma habilidade sociocognitiva mais ampla, com o objetivo de atribuir estados mentais nas outras pessoas. Na interação empática consciente, o indivíduo está envolvido em abrir mão da própria perspectiva para compreender a perspectiva e os sentimentos de alguém, assim como de compartilhar esses sentimentos. As habilidades cognitivas envolvidas na identificação intencional dos pensamentos e sentimentos dos outros reduzem mal entendidos, resolvem conflitos e agressões, aumentam a cooperação e outras respostas pró-sociais. Um aspecto central envolvendo a experiência da empatia se refere ao papel da tomada de perspectiva na regulação das emoções. Quando a empatia é ativada de forma automática, a tomada de perspectiva regula o contágio emocional ou espelhamento envolvido na identificação do sofrimento de alguém, a partir de processos cognitivos que levam a separação mental (distinção entre o “eu” e o “outro”), moderando a experiência emocional a um nível que permite a ação pró-social. A empatia ativada de forma intencional, por sua vez, envolve uma tentativa de inibir a própria perspectiva e o egocentrismo. A partir do esforço consciente para compreender a situação de alguém (tomada de perspectiva), sentimentos de consideração e de compaixão pelo estado do outro serão ativados, inibindo (em situações de conflito) emoções negativas previamente relacionadas à própria perspectiva. Vários estudos têm sugerido que a capacidade de tomar a perspectiva dos outros, principalmente em situações de conflito de interesses, se correlaciona com maior propensão ao perdão, redução da raiva e da agressividade, além de aumentar o vínculo, tornando as relações mais gratificantes. Deficiências nesta habilidade, por sua vez, têm se correlacionado com uma ampla variedade de transtornos mentais, incluindo: transtornos do espectro autista; esquizofrenia; transtornos alimentares; depressão e transtornos de personalidade. Os dados acima indicam a importância do estudo da empatia para a compreensão do funcionamento interpessoal de indivíduos com transtornos mentais.

Apoio financeiro: FAPERJ

Palavras chave: Empatia, relações interpessoais, transtornos mentais



Parte integrante dos resumos de Comunicação Científica apresentados durante  
a 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Aracaju, 2013.

ISSN 2176-5243

Pesquisador - P  
SOCIAL - Psicologia Social

**COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL: UMA VISÃO EVOLUCIONISTA.** *Angela Donato Oliva* (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ); *Vera Silvia Raad Bussab* (Instituto de Psicologia, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, SP); *Anuska Irene de Alencar* (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN)

A partir de uma perspectiva evolucionista do desenvolvimento, o objetivo deste trabalho é discutir teoricamente que aspectos contribuíram para que humanos e alguns outros animais pudessem, ao longo do processo evolutivo, viver em grupos, superar conflitos e estabelecer trocas sociais. A cooperação social é uma capacidade que envolve sofisticada análise e requer um elevado nível de inteligência. De acordo com a chamada de hipótese da inteligência social, viver em grupos enseja sofisticadas interações sociais e estas teriam funcionado como pressões seletivas necessárias para aumento e evolução de áreas do neocórtex. As habilidades cognitivas complexas, tais como elaborar análises conceituais e comparativas dotadas de raciocínio lógico, são possibilitadas pelo neocórtex cerebral. O argumento é o de que o aumento do tamanho do cérebro e, consequentemente, da inteligência, teriam decorrido de pressões sociais. Solucionar problemas sociais favorece a inteligência e o desenvolvimento de áreas cognitivas. O viver em grupo estimula o cérebro, pois interações sociais colocam constantemente desafios relacionados ao indivíduo e ao outro, principalmente se os recursos forem escassos. Seria melhor competir ou cooperar para obtenção de recursos? Cada vez mais se reconhece que ser cooperativo traz benefícios para o próprio sujeito e para o grupo e, ao que parece, para ser cooperativo é necessário ser empático. Cooperar, portanto, seria uma maneira de impulsionar a inteligência. Os primatas, em sua maioria, são animais que vivem em grupos caracterizados por fortes laços sociais e seus membros passam grande parte do tempo a serviço de relações sociais. A empatia é considerada uma das habilidades essenciais para a vida social. Ela teria sido selecionada ao longo da evolução por permitir: formação e manutenção de coalizões sociais; resolução de conflitos; satisfação pessoal e interpessoal, etc. Empatia pode ser definida como capacidade de compreender, de forma acurada, sentimentos, necessidades e perspectivas dos outros. Pesquisas em neurociência cognitiva indicam ativação de partes do córtex pré-frontal em situações nas quais as pessoas demonstram flexibilidade cognitiva e conseguem entender a perspectiva dos outros. Essas áreas cerebrais participam também nas funções executivas, especialmente no controle inibitório. Estudos empíricos em grupos de primatas sugerem a existência de relações entre o tamanho do grupo, o tamanho total do cérebro e a proporção do neocórtex. O tamanho do neocórtex parece ser um preditor de redes sociais complexas melhor do que o volume total craniano. Porém, à medida que o grupo aumenta de tamanho surgem os free riders. Eles são indivíduos que se beneficiam dos esforços dos outros mas não participam do trabalho para adquirir um recurso. O anonimato que os grandes grupos possibilitam aos indivíduos enseja o aparecimento desses oportunistas. Esses indivíduos estão sujeitos às mesmas pressões seletivas e sua capacidade de enganar também vai se aprimorando. O esperado, então, seria que eles conduzissem a cooperação à destruição. De um ponto de vista evolucionista, poderia ser difícil explicar a cooperação. Porém, a empatia parece contribuir para que os grupos sociais permaneçam cooperativos. Espera-se com este trabalho aproximar neurociências das hipóteses evolucionistas de modo a ampliar uma compreensão do desenvolvimento humano.

Apoio financeiro: FAPERJ

Palavras chave: Cooperação, empatia, comportamento pró-social.

Pesquisador - P

DES - Psicologia do Desenvolvimento

### **ANSIEDADE SOCIAL E INTERAÇÃO SOCIAL EM UNIVERSITÁRIOS.**

*Carmem Beatriz Neufeld; Katherine Godoi dos Santos\*; Priscila de Camargo Palma\*\*  
(Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental – LaPICC,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia - DP da  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP da  
Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP)*

Os estudantes universitários são uma população vastamente estudada na literatura. Quando ingressam na faculdade os estudantes são submetidos a uma grande carga de estresse em razão das horas longas de estudo, dos novos desafios e das cobranças dos professores e dos familiares. Também é comum que fatores como a saída da casa dos pais, a mudança de cidade, a independência forçada e a perda do convívio dos amigos influenciem a dificuldade de ajustamento no ensino superior. O presente trabalho apresenta uma revisão teórica sobre como a ansiedade social interfere na interação social e no desenvolvimento acadêmico dos estudantes universitários. A fase universitária é comumente associada com a consolidação da identidade, o estabelecimento de maior autonomia, a aquisição de sentido de competência e a gestão das emoções e das relações interpessoais. Este momento também é caracterizado pelas instabilidades e por ser uma fase mais autofocada, já que o jovem se encontra em processo de transição complexa. A importância de um grupo de apoio social para lidar com tais demandas tem sido indicado como fundamental nesta fase. A ansiedade social entre estudantes universitários pode ser especialmente problemática porque está associada a outros problemas psicológicos e interpessoais, acarretando em problemas significativos em sua vida cotidiana, no funcionamento ocupacional ou na vida social. Além disso, também é difícil de ser identificada, tendo em vista que os indivíduos com ansiedade social não reconhecem seus sintomas como disfuncionais, a menos que estejam em um nível avançado ou que cause extrema dificuldade. É comum que os universitários com ansiedade social evitem procurar ajuda profissional o que pode ser explicado possivelmente por causa dos próprios sintomas característicos da ansiedade social, tais como a evitação e o medo de ser julgado negativamente pelas outras pessoas. Em razão de uma combinação de fatores que envolvem a genética, o ambiente familiar e as experiências passadas, as pessoas socialmente ansiosas desenvolvem um sistema de crenças negativo, a respeito de si próprias e sobre o mundo. Essas crenças influenciam as interpretações que elas fazem dos eventos ocorridos e acabam limitando significativamente suas interações sociais. Os pensamentos mais comuns das situações são circundantes às crenças de incapacidade e de inadequação. Pessoas ansiosas sociais fazem um julgamento muito mais crítico sobre suas próprias habilidades e desempenho social do que seus pares. As descobertas sugerem que pessoas tímidas geralmente percebem menos apoio social do que seus pares, isto pode ser devido à deficiência em habilidades sociais e desconforto em situações sociais e, por sua vez, a redução do apoio social reforça a solidão sentida pelos mesmos. Este fato interfere na vida acadêmica, pois reduz desempenho para trabalhos, avaliações, por exemplo. Além disso, interfere diretamente no âmbito social. Considerando tais dados da literatura, torna-se fundamental que sejam desenvolvidas propostas de intervenção que possam atender a esta demanda na população universitária.

Apoio financeiro: FAPESP e CNPq

Palavras chave: Ansiedade social, interação social, estudantes universitários

Pesquisador - P

SOCIAL - Psicologia Social